

O depoimento de uma geração em Marcelo Rubens Paiva

TEXTO NATALIA HENKIN
ARTE ROCHELE ZANDAVALLI

“Que loucura, o que está acontecendo? Eu aqui, deitado, sem poder me mexer. Essas pessoas que nunca tinha visto antes, esse lugar, o que é tudo isto afinal? A única certeza que tenho é de que estou vivo e muito lúcido. Consigo me lembrar perfeitamente do acidente, do meu passado, de tudo, enfim. Minha cabeça está a mil por hora, e eu aqui paralisado: não poderia ter acontecido algo tão sério assim, será?”



É com a transparência e a confiança de quem conta a um grande amigo seus mais íntimos segredos que Marcelo Rubens Paiva detém, desde a primeira página, a atenção do leitor de *Feliz Ano Velho*. Publicado em dezembro de 1982, quando o autor tinha apenas 23 anos, o livro foi um dos mais vendidos da década, tornando-se um marco na literatura brasileira contemporânea. Este ano, passou a integrar a lista de leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS, ao lado de outras 11 obras que representam diferentes períodos e gêneros literários.

A narrativa, tão pulsante quanto é a juventude, traz a verdadeira história do autor, que, aos 20 anos, subitamente se vê em uma situação inimaginável: após pular de uma pedra em uma lagoa rasa, bate a cabeça, esfacelando uma vértebra e perdendo os movimentos do corpo. As intermináveis horas no hospital o levam a revisitar o passado, revelando experiências pessoais que se mesclam a acontecimentos marcantes na história do país. Para Antônio Sanseverino, professor do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Letras da UFRGS, a obra é uma autobiografia e também o testemunho de uma geração.

Antônio aponta para o entrelaçamento de diferentes aspectos ao longo do livro. “Tem o fio pessoal, de superação do acidente em que ele fica tetraplégico e da independência que ele ganha a partir disso, mas tem coisas que cruzam com o fio geracional, como o Arrigo Barnabé [compositor], o primeiro festival da TV Cultura, o Premeditando o Breque [banda], que era bem importante. Isso acaba dando uma confluência e um destaque muito fortes para a obra, porque ela não fica só no quadro da superação do acidente, ela se expande”, explica.

Relato de juventude – Outra característica comumente ressaltada é o forte teor sexual presente nos relatos que, com muita franqueza, o autor faz sobre seus relacionamentos. O professor Homero Vizeu Araújo, também integrante do PPG em Letras da Universidade, frisa a repercussão que isso teve à época. “Ler isso em 1983, que foi quando eu li, era impressionante, pela qualidade da prosa, a capacidade que ele [o autor] tem de se inserir, uma certa segurança quanto a isso. Contar como é a vida sexual, naquele momento, de forma tão aberta, libertária, e ao mesmo tempo tensionada pela

tragédia que se abate sobre ele, é muito impactante”, comenta.

Antônio observa que o distanciamento do autor do seu cotidiano, por causa do acidente, possibilita uma dimensão reflexiva. “Ele passa a olhar para as coisas que fazia de outro ângulo. A experiência de morte é um ponto de reflexão que não é comum aos 20 anos. Ter a consciência do limite físico e da mortalidade, saber que o que se tem não é um futuro completamente aberto. E acho que a história é essa mesmo: uma vida que se transforma radicalmente pelo acidente. Ele tem que produzir sentido em algo que é por acaso, que ele não escolheu, que não é culpa dele”, sintetiza.

Memória da repressão – Para Homero, *Feliz Ano Velho* surge em um momento de avaliação da ditadura militar. O período, que se iniciou em 31 de março de 1964, com o golpe que derrubou o governo do então presidente democraticamente eleito João Goulart, e durou quase duas décadas, tinha um forte caráter autoritário, marcado por perseguições políticas, censura e tortura. No livro, o regime militar fica evidente no relato do que pode ser considerado o primeiro grande trauma da vida de Marcelo: o sequestro do pai. Levado por militares de dentro da própria casa em janeiro de 1971, o deputado Rubens Beyrodt Paiva nunca mais voltou.

“Acho que essa dimensão política é algo que ele quis trazer à tona, porque a atuação política da família é forte”, avalia Antônio. Segundo o docente, a possibilidade de o autor dar esse depoimento e ser escutado, sem ser censurado, é muito significativa. “A quebra da censura lhe permite falar do próprio pai, falar do que o episódio da sua prisão e desaparecimento representou não só pessoalmente, para ele e para a família, mas também politicamente.”

Homero salienta, ainda, o fato de que, no ano do aniversário de 55 anos do golpe, é fundamental a presença de *Feliz Ano Velho* na lista de leituras obrigatórias. O professor acredita ser essencial que, neste momento, as memórias dos tempos da ditadura sejam retomadas: às vésperas do dia 31 de março, o presidente da República determinou que a data fosse celebrada em unidades militares “Estamos falando de negação da história, de apagar a memória e eventualmente humilhar e chamar de bandido quem resistiu à ditadura. É grotesco”, critica.

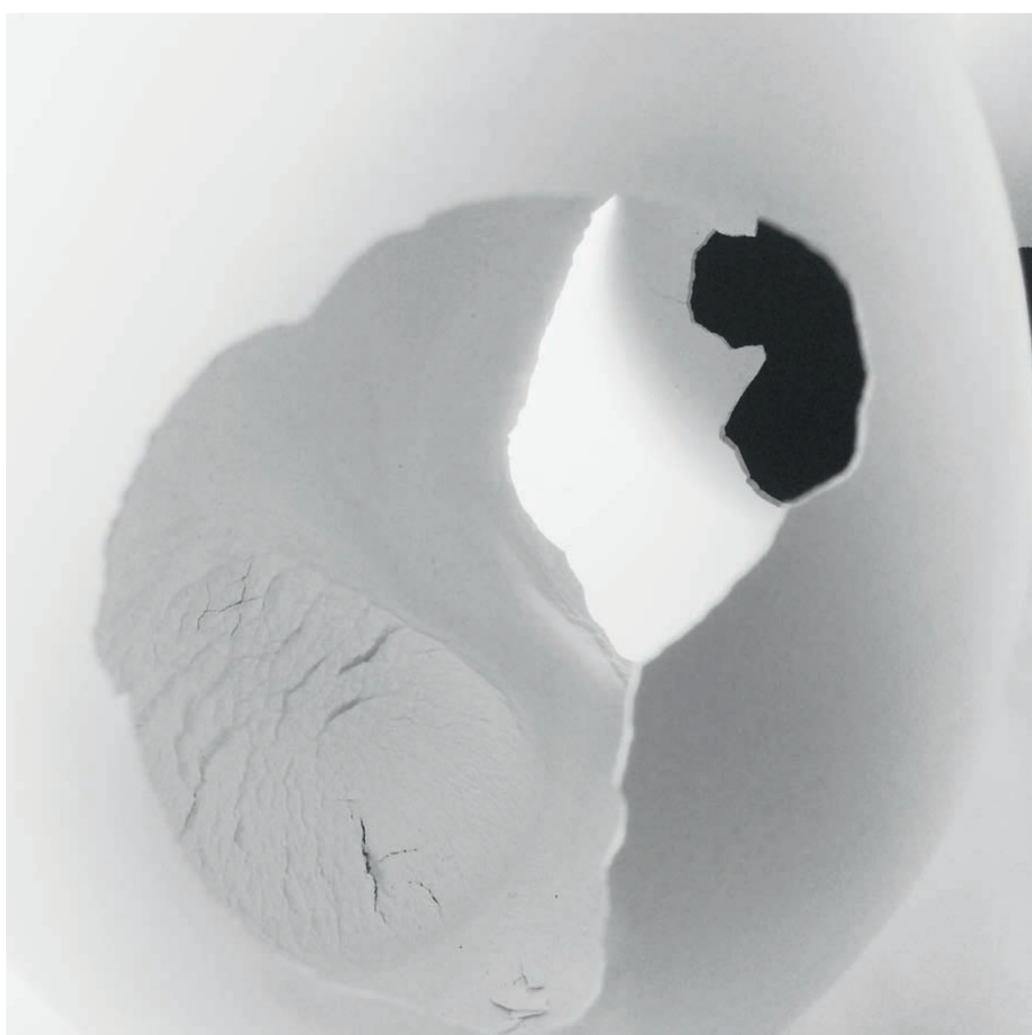
A nobreza do cotidiano da poesia de Adélia Prado

TEXTO **BÁRBARA LIMA**
ARTE **GABRIELLA GASPERIM**

“Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria, sua
raiz vai ao meu mil avô.

Vai ser coxo na vida é maldição
pra homem.

Mulher é desdobrável. Eu sou.”



A pequena cidade mineira de Divinópolis é palco e inspiração para os deslumbramentos do cotidiano, especialmente sob a ótica da figura feminina, na poesia de Adélia Prado. “Representação do costumeiro metafísico unindo simplicidade e complexidade numa obra marcada pelo diálogo intertextual.” É assim que Fernando Brum, doutor em Letras pela UFRGS, define a poesia da escritora e filósofa mineira.

Adélia nasceu no ano de 1935 em Divinópolis (MG), onde vive até hoje. Ela teve cinco filhos e é praticante da religião católica, viés que perpassa toda a sua obra, mas que é desligado da pregação ou de moralismos. Apesar de escrever desde jovem, somente aos 40 anos publicou o primeiro livro de poesia, *Bagagem*, que entrou este ano para a lista de leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS. O título foi apadrinhado por grandes nomes da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade e Afonso Romano de Sant’Anna.

De acordo com Fátima Ali, mestra em Literatura Brasileira pela UFRGS, Adélia é uma pessoa discreta, que pouco sai de casa; não gosta de viajar. “Talvez isso explique o fato de ela pouco circular em eventos literários”, diz. Mesmo não sendo um ser cosmopolita, Adélia consegue entender de maneira singular a realidade em que vive e elevar tarefas simples do cotidiano a “patamares de nobreza”. Além disso, sua obra é fortemente marcada pela presença do feminino. “A casa, a intimidade, a família, o corpo, a religião, geralmente vistos como desmerecedores da literatura, são sacralizados. Eles transcendem sua banalidade para atingir o sublime, para virar matéria de poesia”, observa Fátima.

A simplicidade não está apenas no conteúdo, mas também na forma de escrever. Os versos partem da perspectiva modernista, com formato e linguagem livres, abusando da coloquialidade, da oralidade e até do sotaque mineiro. Fernando afirma que Adélia se aproxima do movimento de 1922 na dimensão formal, mas tem a intenção de representar dilemas mais interiores do que exteriores. “A poesia da mineira percorre dois caminhos muito importantes: de um lado o cotidiano, olhando para a simplicidade da vida e das coisas com as quais a vida dialoga; de outro, a metafísica, esse esforço de compreender o sobrenatural [no sentido cristão do termo] a partir do pensamento abstrato. Esses dois caminhos se cruzam o tempo todo em sua

obra, fazendo com que a complexidade do metafísico ganhe imagens do cotidiano, e a vida ‘comum’ seja compreendida em toda a sua extensão. Adélia escreve em versos brancos e livres, numa atitude prosaica que lembra muitas vezes a obra de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, mas mantendo a força das imagens”, explica.

Fátima atenta para o fato de que o comportamento literário de Adélia parece ir na contramão do cenário das letras da década de 1970, período da ditadura militar em que muitos intelectuais faziam manifestações políticas e problematizavam o papel da mulher na sociedade patriarcal. “Uma senhora do interior de Minas aparece com um texto que, aparentemente, só vinha reafirmar elementos que se combatiam. Religião, papel coadjuvante da mulher e nenhuma menção ao que o país vivia em termos políticos. No entanto, a obra de Adélia está longe de ser óbvia e, a meu ver, está também longe de defender papéis que coloquem a mulher em posição subalterna. Na minha leitura, a autora usa exatamente os elementos que sempre forjaram a submissão feminina, como a família, a vida doméstica, a religião, para criar um texto cujo alcance transcende tais elementos. É uma literatura que é resistência porque é catarse”, reflete.

Destacam-se nessa “catarse” os poemas contidos no livro *Bagagem, Com licença poética* – que relê, sob a ótica feminina, o clássico da literatura brasileira “*Poema das sete faces*”, de Drummond – e *Grande desejo*, que confere significado ao que comumente se dá pouco valor. Ambos são exemplos da exaltação da simplicidade e da delicadeza da mulher. No primeiro, o eu lírico, na análise de Fátima, defende como poesia aquilo que se faz com o sentir e evidencia a dicotomia dos gêneros no trecho “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. /Mulher é desdobrável. Eu sou.”

Em *Grande desejo*, ainda segundo a mestra em Literatura Brasileira, a oscilação entre felicidade e tristeza é marcante. “As coisas alegres geralmente evocam lágrimas e nostalgia. Nesse poema, a mulher do povo é quem escreve um livro, a despeito de sua banalidade, o que ensejará que o festeje com lágrimas, ‘requintada e esquisita como uma dama.’ Trata-se ali de transcendência, de uma mulher que se recria ou se descobre por meio do livro, da criação poética”, avalia.

O universo intimista em Lygia Fagundes Telles

TEXTO **MÉLANI RUPPENTHAL**
ARTE **GABRIELA LOSS**

Em *As meninas*, Lygia Fagundes Telles rompe com a produção predominante de personagens femininas caricatas, limitadas a desejos fúteis, referidas como loucas e postas à margem da história. Ela dá vida a três protagonistas: Lorena, Lia e Ana Clara. Dos personagens masculinos, o leitor pouco toma conhecimento; não de forma que estejam completamente excluídos da obra, mas por ocuparem um papel de coadjuvantes na narrativa.

Conhecida como a dama da literatura brasileira, Lygia passou a compor a lista de leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS. Segundo Cristiane Alves, pós-doutoranda pelo Instituto de Letras e professora de Literatura Brasileira, o romance *As meninas* traz um novo fôlego para o conjunto de obras selecionadas pela banca. “A inclusão desse livro no vestibular da UFRGS dá visibilidade a uma importante obra do cenário literário nacional, de uma autora viva e celebrada, reforçando o lugar das mulheres na literatura brasileira.”

Para Nathielle Nogueira, graduanda em Letras na UFRGS, o livro traz um olhar crítico que problematiza a condição feminina da época retratada. “As meninas, além de registrar um contexto sócio-histórico, também dá um testemunho das possibilidades de ser mulher naquele momento”, pontua. A vida da autora pode ter tido uma contribuição significativa para a construção da perspectiva literária no romance: Lygia foi estudante de Direito, numa época em que o curso era frequentado majoritariamente por homens. Ela ocupava uma das seis cadeiras que tinham mulheres matriculadas; em contrapartida, havia mais de 100 homens compondo a mesma classe.

Com a publicação da obra em 1973, em pleno período da ditadura civil-militar brasileira, a escritora demonstra coragem – não apenas por contextualizar o regime, mas também por denunciar os métodos de tortura utilizados pelo governo à época. Lygia diz que o livro só passou pelo órgão de controle da ditadura porque o responsável pela análise da obra desistiu da leitura antes de chegar aos pontos de crítica ao regime.

Mesmo tendo sido escrito há quase cinco décadas, o romance aborda temáticas que, ainda hoje, são consideradas tabu, como drogas, liberdade sexual da mulher, aborto, abuso infantil e homossexualismo. Cristiane opina que, ao tratar desses temas, Lygia escrevia não só para além do seu tempo,

como também do nosso. “Apesar de algumas conquistas, a liberdade, a existência, os direitos, os lugares e os papéis das mulheres seguem sendo postos em dúvida e, não raro, são alvo de ameaças e ataques nos mais diversos estratos”, observa.

Fluxo de consciência – No ano seguinte à publicação, a obra arrebatou um prêmio Jabuti, o mais tradicional troféu da literatura brasileira. A cerimônia reconheceu o estilo certeiro de Lygia ao mergulhar o leitor no universo intimista. A autora constrói sua narrativa a partir da ferramenta de fluxo de consciência, ou seja, as três protagonistas fazem uso da narração em primeira pessoa, alternando suas falas, pensamentos e opiniões.

A escolha pela forma narrativa com várias vozes auxilia na percepção das diferentes personalidades das meninas. Lorena, oriunda de uma família rica e tradicional, expressa-se de modo mais culto e formal quando está em sua posição de fala. Lia usa uma linguagem mais coloquial para expressar suas ideias políticas e revolucionárias. Ana Clara, que lida com seu vício em drogas, por vezes se expressa por pensamentos e manifestações confusos e embaralhados – absorvendo o leitor para seu pequeno mundo caótico e alucinado.

Nem sempre a composição dos fatos decorre de forma linear, mas a partir da introspecção das personagens em suas próprias vivências. “As três personagens fazem uma narração que retoma o passado por meio da memória, o que, por sua vez, lhes confere certa liberdade para narrar os fatos do modo como desejarem. A obra, portanto, traz uma pluralidade de olhares, o que nos permite compreender diferentes formas de se relacionar com uma mesma realidade”, comenta Nathielle.

A pós-doutoranda pondera que, na análise da obra, é indispensável atentar para o contexto histórico, político e social em que se situa. “É importante, ao longo da leitura, identificar as características e as histórias de cada uma das personagens, descobrir quem narra cada um dos capítulos ou trechos”, diz Cristiane. “Os leitores podem fazer ligações entre a repressão e os tabus dos anos 1970, examinando o que mudou e o que permanece. É possível analisar o discurso atual, especialmente quando se volta para as mulheres, verificando o quanto ainda conserva de preconceitos e moralismos”, conclui.

“– Não quero ser rude, mãezinha, mas acho completamente absurdo se preocupar com isso. A senhora falou em crueldade mental. Olha aí a crueldade máxima, a mãe fica se preocupando se o filho ou filha é ou não homossexual. Entendo que se afluja com droga e etcétera, mas com o sexo do próximo? Cuide do próprio e já faz muito, me desculpe, mas fico uma vara com qualquer intromissão na zona sul do outro. Lorena chama de zona sul.”



A brutalidade social em Graciliano Ramos

TEXTO **KAROLINE COSTA**

ARTE **LEONARDO LOPES**

“Tive abatimentos, desejos de recuar; contornei dificuldades: muitas curvas. Acham que andei mal? A verdade é que nunca soube quais foram os meus atos bons e quais foram os maus. Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízo; fiz coisas ruins que deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de S. Bernardo, considerarei legítimas as ações que me levaram a obtê-las.”



Como um romancista, Graciliano Ramos procura dar forma estética ao mundo sem que essa forma esconda a dureza do mundo. Assim, o professor de Literatura Brasileira da UFRGS Carlos Augusto Leite sintetiza a escrita de Graciliano. O autor alagoano, nascido em 1892, é considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira do século XX. São Bernardo, obra icônica do autor, passou a integrar a lista de leituras obrigatórias do vestibular da UFRGS de 2020.

Graciliano é considerado um autor regionalista da Geração de 30, pois traz em suas obras as questões sociais do meio rural. Uma das características desse período é a verossimilhança das personagens com status social e lugar de origem. De acordo com a professora Regina Zilberman, do Instituto de Letras, no entanto, “ele felizmente não se deixou dominar pelo tema e deu preferência a sua escrita; não se preocupou se isso era coerente ou não”. Carlos Augusto observa que Graciliano tem um estilo de escrita mais áspero e crítico sobre a sociedade da época. “Ao lugar em que ele conseguiu chegar com a interpretação da violência que estrutura a sociedade brasileira poucos escritores chegaram. É muito precisa e lúcida sua leitura sobre a sociedade brasileira”, aponta.

Questões sociais – *São Bernardo*, publicado de 1934, é um romance de cunho social que tem como narrador e personagem principal Paulo Honório, homem humilde que vence na vida pisando sobre as pessoas em seu caminho. Para Regina, o romance se diferencia de outros que retratam a desigualdade e a exploração porque mostra o lado do opressor: “Ele é um vencedor, mas se faz a partir de uma violência muito grande contra si mesmo, porque teve de usar métodos bárbaros, e principalmente contra os outros; quem vem pela frente ele vai destruindo”.

O embate maior do livro se dá quando surge a antagonista da história, Madalena. Esposa de Paulo Honório, ela é a personagem que o enfrenta. “Então, o protagonista tem uma adversária à altura. E é interessante, porque o antagonista é uma mulher, a mulher dele”, explica Regina. A docente reitera a posição da mulher que não se deixa suplantar pelo homem: “Ele é

o marido que acha que, só pelo fato de terem se casado, ela deveria se submeter, mas ela não se submete”.

Para Carlos Augusto, a violência e a arbitrariedade relacionada à violência como princípio estrutural são os pontos centrais da obra. “O Graciliano Ramos, em vez de estar otimista em relação àquele novo Brasil, representa o Brasil em chave muito negativa. Então carrega dentro da forma estética uma negatividade que não se dissolve; e essa negatividade é a violência e o arbítrio, essa negatividade é a falência das instituições”, pondera.

O livro traz a precariedade da sociedade daquele momento e revela as mazelas de uma democracia desigual. Segundo o docente, Graciliano “nos mostra a maneira precária como a sociedade brasileira se desenvolve sem que aquilo que possa entender como modernidade se complete. Ele está recuperando para nós uma coisa que todos nós conhecemos – em maior ou menor medida –, que é a situação em que a violência e o arbítrio estão presentes nesse verniz de civilização e de futuro e de moderno”.

O romance se desenvolve em dois planos: em um Paulo Honório é narrador e no outro é personagem. Essa distinção é feita pela alternância entre o presente (narrador) e o pretérito (personagem). A narrativa é uma tentativa deste de entender seu passado e a si mesmo. Assim, a história se divide em duas partes: a primeira, quando o protagonista é humilde e está em posição de desassistido; e a segunda, quando ele começa a se tornar um homem de negócios. Essa crescente está atrelada ao capitalismo, que permite a ascensão a quem não tinha nada; à custa, porém, da perda da própria humanidade no processo. “Paulo Honório encarna essa dimensão, daquele que sobe à força, e ele pode subir à força porque nossa sociedade dá espaço para isso; então sobe violentamente, e essa violência cobra seu preço”, analisa Carlos Augusto.

São Bernardo revela-se um romance realista e social na abordagem das desigualdades do Brasil. O docente reforça que a obra é “um exemplo de literatura e de interpretação de mundo”. “Ele colocou o país que conhecemos agora na estética de suas obras lá nos anos 1930. Isso é um grande mérito dele como escritor”, conclui.

UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 91046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Rui Vicente Oppermann
Vice-reitora
Jane Fraga Tutikian
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
André Iribure Rodrigues
Vice-secretária de Comunicação Social
Édina Rocha

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
E-mail: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Alex Niche Teixeira, Ánia Chala, Ângela Terezinha de Souza Wyse, Antonio Marcos Vieira Sanseverino, Carla Maria Dal Sasso Freitas, Cida Golin, Flávio Antônio de Souza Castro, Michèle Oberson de Souza, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer
Editor-chefe Everton Cardoso
Editora-executiva Jacira Cabral da Silveira
Editor-assistente Felipe Ewald

Repórteres Felipe Ewald, Fernanda da Costa, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Diagramação Carolina Konrath
Bolsistas (Jornalismo) Bárbara Lima, Carolina Pasti, Emerson Trindade Acosta, Isabel Linck Gomes e Natalia Henkin
Estagiários Karoline Costa e Mélani Ruppenthal
Circulação Douglas de Lima
Impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 1000 mil exemplares

O JU não se responsabiliza pelas opiniões expressas pelos autores em artigos assinados.

[f](#) [i](#) [t](#) [@](#) <#> jornaldufrgs